

TURISMO

ENTREVISTA \ Maria Ercília Leite de Castro



Divulgação

Parceria

O projeto pioneiro para a construção de um teleférico ligando a Prainha de Vila Velha ao morro do Convento da Penha teve a participação da empresa de Maria Ercília. Ela vê com bons olhos este tipo de empreendimento, um chamariz para turistas

foram instalados e ampliou-se a capacidade de acesso aos morros.

Qual o percentual de estrangeiros que sobem o morro?

Cerca de 70%. É algo inédito ver tanta concentração de estrangeiros em um espaço tão pequeno. Entre os brasileiros prevalecem os paulistas, principalmente os do interior. Na baixa temporada, o número maior é de estrangeiros, fascinados com a beleza da paisagem, com as cores do mar e das montanhas e a visão das praias.

A sua empresa participou do projeto do teleférico em Vila Velha?

O primeiro projeto do teleférico de Vila Velha foi feito por um engenheiro do Pão de Açúcar. Na época, a intenção era que assumíssemos o projeto. O primeiro projeto era viável economicamente e conveniente, com saída da Prainha até o Convento da Penha. A praça, apesar de abandonada, tem espaço. Quanto mais entretenimento para atrair turistas, melhor. Houve licitação e até concorrência com ganhador. Na reta final, a ordem dos franciscanos deu para trás.

Houve mudanças no projeto original?

Com a entrada do prefeito Jorge Anders, o projeto cresceu de tal forma que passou a ser um risco econômico-financeiro. Houve consenso mas depois desinteresse. O lugar é belíssimo e merece atenção. Todos os pontos de vista devem ser considerados antes de decisão final.

'Não são descontos que atraem público'

Empresária, Ercília é filha do engenheiro Cristóvão Leite de Castro, sócio majoritário da empresa Caminho Aéreo Pão de Açúcar, que administra o teleférico desde a sua fundação

FABRÍCIO ARAUJO FAUSTINI

Para a diretora da Companhia Aéreo Pão de Açúcar, Maria Ercília Botelho Leite de Castro, a segurança e a estrutura arrojada do teleférico carioca – o terceiro mais antigo do mundo – tornaram o Pão de Açúcar um símbolo do Brasil. Para ela, o acidente recente que deixou o bondinho parado no meio do caminho, causando prejuízo de R\$ 1,5 milhão, teve repercussão exagerada na mídia. Curiosamente, o número de visitantes no local aumentou em relação ao ano passado, no mês de janeiro. Nos próximos meses serão in-

rança. Ficamos meses parados, o que gerou um prejuízo de quase R\$ 1,5 milhão. Na história do Pão de Açúcar nunca aconteceu um acidente e isso deveria ter sido levado em consideração. Mas os turistas são fiéis. Importante é aprender e olhar para frente. A história e as lembranças do teleférico e do Pão de Açúcar são superiores a toda esta confusão.

Quem idealizou o primeiro teleférico?

O engenheiro Augusto Ferreira Ramos. Na comemoração do centenário de abertura dos portos brasileiros às nações amigas teve a idéia de cons-

O fundador foi criticado?

Augusto Ramos, que teve a idéia de implantar o teleférico, procurou vários empresários para mostrar o projeto original: da Praia Vermelha até a Urca, de lá para o Pão de Açúcar e dali até o morro da Babilônia – esse último trecho ficou no papel. As autoridades da época diziam que a quarta linha seria para levar o senhor Augusto ao hospício. Estavam errados. Apesar de ser considerado uma loucura para a época, ele conseguiu realizar seu objetivo. Na ocasião foi pedida autorização para se criar um acesso aos morros, que foi dada em forma de concessão. Mas este não é um serviço público passível de concessão. É particular, como o trans-

que deram esse nome. Durante o apogeu do cultivo de cana-de-açúcar no Brasil, nos séculos XVI e XVII, após a cana ser espremida e o caldo fervido, os blocos de açúcar eram colocados em formas de barro cônico – conhecidas como pão de açúcar – e levados para a Europa. Devido à semelhança do penhasco carioca com aquela forma de barro, o morro foi denominado Pão de Açúcar. Uma outra hipótese é a de que o padre José de Anchieta tenha lhe dado a denominação definitiva, em carta datada de 9 de julho de 1565, escrita ao seu superior padre Diogo Mirrão, narrando a fundação da cidade do Rio de Janeiro.

Quais os planos da companhia?

A empresa pretende investir R\$ 5 milhões para modernizar as instalações no morro do Pão de Açúcar. O objetivo é dar maior conforto e aumentar o tempo de permanência do visitante. O projeto prevê a construção de mezanino climatizado, quiosques para exposições de artesanato e comida típica brasileira, duplicação do número de banheiros e reformulação dos jardins.

Como atrair o carioca?

Não são os descontos que atraem o turista, mas entretenimento e lazer. Eventos para crianças e shows sempre dão resultados. Durante dez anos demos descontos em um dia da semana e não houve aumento de público. Crianças de 0 a 6 anos não pagam e de 6 a 12 pagam meia. As escolas públicas têm entrada franca; as particulares têm 50% de desconto. As crianças formam um público fiel.

O museu tem data marcada para ser aberto?

Temos um acervo fotográfico com mais de três mil fotos e documentos raros e originais. Estão guardados no morro da Urca. A verba para a obra está orçada em R\$ 1 milhão. A réplica do primeiro bondinho, que circulou de 1912 a 1972, será usada como sala de projeção. Só falta a autorização da prefeitura.

Que paisagens se destacam no passeio?

ção ao ano passado, no mês de janeiro. Nos próximos meses serão investidos R\$5 milhões em obras de infraestrutura nos morros da Urca e do Pão de Açúcar. Cenário de filmes famosos, como uma das aventuras de 007, a diretora escolheu esse local para dar sua entrevista.

A GAZETA - O bondinho é a parte mais importante do complexo do Pão de Açúcar?

MARIA ERCÍLIA DE CASTRO - Há 88 anos foi aberto um caminho aéreo no Rio de Janeiro, algo inédito para a época. O empreendimento tornaria mundialmente famoso o Pão de Açúcar. A visão do bondinho, em seu constante vaivém, está incorporada à paisagem da cidade. O bondinho é a parte mais visível de um complexo sistema montado para entreter milhares de pessoas. Os turistas admiram a beleza da cidade de um ângulo privilegiado. Ao se avaliar o Pão de Açúcar é preciso considerar três espaços interligados e ao mesmo tempo distintos: a montanha, o teleférico e o parque turístico.

A repercussão do acidente com o bondinho causou transtornos?

Alguns veículos de comunicação fizeram um alarde desnecessário. Poucas pessoas se feriram, e sem gravidade. Nossa prioridade é a segu-

de abertura dos portos brasileiros. Nações amigas teve a idéia de construir um caminho aéreo para o alto do Pão de Açúcar. Junto com o industrial Antonio Galvão e com o comendador Fredolino Cardoso, conseguiu do prefeito do Distrito Federal a concessão do caminho, que compreendia três linhas aéreas: uma ligando a Praia Vermelha ao alto do morro da Urca; outra ligando os topos do morro da Urca e do Pão de Açúcar; e uma terceira ligando os morros da Urca e da Babilônia. Em 1909 foi assinado o contrato de concessão, com duração de trinta anos. Foi, então, fundada a Companhia Caminho Aéreo do Pão de Açúcar. Em 1910 iniciou-se a construção do primeiro teleférico do Brasil.

Como era o primeiro trecho?

O trecho inicial tinha 525 metros de extensão e 221 metros de altura. Foi inaugurado em 1912. O bondinho era chamado de camarote carril, feito de madeira maciça. A viagem durava seis minutos. O segundo tinha 750 metros de extensão e 396 m de altura. Entrou em funcionamento em 1913, completando a ligação definitiva até o topo do Pão de Açúcar. A mesma empresa administra o local desde a sua fundação. Meu pai começou o trabalho em 1930, como o engenheiro responsável pelo sistema.

No Rio,
participação
do governo e
da prefeitura
não deu
resultado

da dada em forma de concessão. Mas esta não é um serviço público passível de concessão. É particular, como o transporte público. Por isso foi aberto um processo para se tentar um acordo com a prefeitura. Se ganharmos, faremos um jardim suspenso na entrada, na rocha que tem 61 milhões de anos.

O que inviabilizou a ligação com o morro da Babilônia?

O fator político. O Exército entendeu que era prejudicial ao espaço aéreo e à segurança nacional. A Babilônia era um posto militar importante. A ligação mais viável seria da Urca à Babilônia e dali ao Leme, pelo lado esquerdo. Turisticamente esta ligação seria apropriada. Nosso maior desafio, por enquanto, é modernizar o que existe: Urca e Pão de Açúcar. Além disso, aumentar as opções de lazer e a segurança.

O interesse pelo local é antigo?

O penedo carioca é conhecido desde 1502, quando o navegador português André Gonçalves descobriu a baía do Rio de Janeiro. Nos primeiros mapas da baía de Guanabara, no século XVI, aparece uma única montanha: o Pão de Açúcar. Esse nome generalizou-se a partir da segunda metade do século XIX, quando o Rio de Janeiro recebeu as missões artísticas do pintor alemão Rugendas e do artista gráfico francês Debret.

Qual a origem do nome?

De acordo com o historiador Vieira Fazenda, foram os portugueses

Diego Martins, natural da cidade do Rio de Janeiro.

Quando teve início a exploração turística do lugar?

Por volta de 1945, quando o turismo passou a ser considerado um grande negócio. Em 1969 foi implementada a segunda fase da companhia. A empresa era dirigida por meu pai, Cristóvão Leite de Castro. Novos equipamentos

QUEM É ELA

Administradora de sonhos e de lazer

Maria Ercília Botelha de Castro é arquiteta e especialista em Administração de Empresas. Desde da infância acompanha o trabalho do pai Cristóvão Leite de Castro, um dos fundadores da Companhia Caminho Aéreo Pão de Açúcar. Nos jantares em família, lembra Maria Ercília, os pais comentavam sobre como era difícil manter o local produtivo. "A desconfiança e a falta de apoio eram constantes", pontua. Há oito anos realizou um desejo muito antigo: assumir a direção da empresa que mantém os teleféricos do Pão de Açúcar. Nove décadas em funcionamento foram suficientes para tornar os bondinhos parte inseparável do Rio de Janeiro e motivo de orgulho para os cariocas. A maior lição, diz, foi aprender a importância da motivação para atrair cada vez mais turistas "em busca de empolgação e sonhos".

Que paisagens se destacam no passeio?

É possível ver os aterros, as praias de Botafogo e do Flamengo, a baía da Guanabara, o Corcovado, a cidade de Niterói, a Praia Cumprida, os bairros de Copacabana, Ipanema e Urca, o Morro da Urca e a ponte Rio-Niterói. Quando o dia está bonito, com céu azul, é possível ver toda a cadeia de montanhas de Teresópolis e da Serra dos Órgãos.

A violência atrapalha?

Apesar de ainda assustar, ela decresceu. Nos países desenvolvidos, as cidades têm inúmeros problemas mas os moradores não fazem questão de anunciar. No Brasil ocorre o inverso. No Rio de Janeiro é pior. As pessoas falam o tempo todo da violência quando o problema é semelhante ou maior em outras cidades. O Rio de Janeiro oferece pontos turísticos fantásticos e isso é que deve ser divulgado. Mas a cidade está bem melhor que nos anos anteriores.

O local já foi palco de shows?

O morro da Urca pode receber eventos, shows e exposições, pois sua área é muito grande. O que limita o local é o acesso. No início da década de 80 foi implantado o 'Noites cariocas', reunindo quase 3 mil pessoas a cada apresentação. Mas os bondinhos não comportavam a demanda. As filas eram imensas. Com a recessão econômica do início da década de 90, o projeto regrediu.